

Conversas

com

Escultores...

MARIA BARREIRA

Nasce em Lisboa

em 1914

Quem é Maria Barreira

Maria (Gonçalves) Barreira nasce em Lisboa a 7 de Dezembro de 1914. Entre 1931 e 1933, frequenta o Curso Complementar de Ciências no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, em Lisboa, e de 1933 a 1935 frequenta os Estudos Preparatórios de Medicina na Faculdade de Ciências de Lisboa.

Em 1937, matricula-se no Curso Superior de Pintura, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, ano durante o qual opta pelo Curso Superior de Escultura.

Tem como professores, entre outros, os escultores José Simões de Almeida (sobrinho) (1880-1950) e Leopoldo de Almeida (1898-1975).

Abandona temporariamente o curso de Escultura para se entregar a uma causa política relacionada com a resistência à ditadura do Estado Novo, integrando movimentos como o MUD (Movimento de Unidade Democrática) e a Associação Feminina Portuguesa para a Paz.

Volta a frequentar o Curso de Escultura em 1942, que conclui em 1949. Apresenta como trabalho final um atleta em gesso com 2.50m de altura.

Casa com o escultor Vasco Pereira da Conceição, em 1948, com quem passa a partilhar os ateliers de trabalho.

Um telefonema prévio... e, amavelmente, propôs-se receber-me.

Quando procurei Maria Barreira para esta conversa, fi-lo deliberadamente desprevenida. Levava apenas num papel, um nome e uma direcção.

No interior do aposento, deparei-me com uma mulher de personalidade intrínseca, franca, directa e objectiva. Um rosto afável e onde a vida deixou marcas. Um olhar observador, uma boca de sorriso delicado que fala dos acontecimentos da sua época, da concepção da sua obra e da autenticidade de emoções como de um saber inato. E no entanto, há estudo, prática e sensibilidade nas suas mãos de dedos afeiçoados à arte de modelar o barro.

Num primeiro olhar, são as obras de arte que sobressaem numa intimidade e convívio entre as



Maria Barreira, Atelier da Praça da Alegria, 1964

suas e as do escultor Vasco da Conceição. O talento dos dois artistas manifesta-se plenamente nesta sala que revela a produção de obras realizadas durante anos de vida, de trabalho e de carinho.

Atenta e esclarecedora, Maria Barreira acompanha-me numa viagem no tempo e historia as fases da sua obra. Da análise, destaca-se de imediato a escolha da figura feminina como tema central do seu trabalho estético e plástico.

Mas as esculturas criadas por Maria Barreira manifestam um sentido muito mais amplo do que aquilo que representam, porque nelas estão subjacentes ideias, conceitos ou acontecimentos, pela sua capacidade de ser, de sentir, de viver... E permito-me citar a própria escultora, a esse propósito: "Eu sou o que sou. Vivo porque sinto a vida e portanto faço arte em relação ao que sinto e àquilo em que acredito."

Maria Barreira é para nós nome indicativo de uma personalidade e obra centrada na defesa convicta dos direitos da Mulher que tentaremos aqui entrever para um conhecimento mais definido de si, da obra que é de todos e de nós mesmos enquanto seus fruidores.

A.T. – *Escultora Maria Barreira, como nasceu em si o interesse pela escultura?*

M.B. – Bom, é um bocadinho difícil de dizer, até porque, quando eu fui para as Belas-Artes, “empurrada” pelo meu pai, porque em miúda desenhava muito, matriculei-me em Pintura. No 1º ano, as disciplinas eram iguais para os dois cursos. Mas acontece que não tínhamos pintura, só tínhamos desenho, prática em que nos baseávamos muito. Na parte que dizia respeito à Escultura, já tínhamos modelação e eu achei que aquilo tinha, para mim, propriamente muito mais interesse do que a pintura. A modelação era feita em barro, que dava outra sensibilidade. Claro que, no ano seguinte, como não tinha nada a perder, matriculei-me em Escultura.

A.T. – *O que me leva a perguntar-lhe já, dada “essa sensibilidade”, se ficou cativa do barro, ou se, mais tarde, preferiu outro tipo de materiais.*

M.B. – De facto, era com o barro que melhor me entendia e, para mim, era essencial para fazer a escultura. Embora eu tenha feito algumas coisas em madeira, o barro era o meu material de eleição porque, ao modelá-lo, eu sentia-o. Ao passo que o outro material, o que é? Não se sente! Eu tive sempre muito mais afinidades com o barro.

Houve uma altura em que começaram a aparecer materiais plásticos, e outros, mas nunca me interessaram. Mesmos as peças que encontra noutros materiais, fi-las primeiro em barro e só depois é que as passei para o material definitivo. Porque o barro só é definitivo depois de cozido e a escultura em barro cozido é das coisas mais bonitas que há!

A.T. – *Ainda há pouco, quando falava dos cursos, referiu-se ao desenho como “prática em que se baseavam muito”. Acha que o desenho também pode ser revelador de alguma tendência?*

M.B. – Acho que sim. Acho que nesse sentido, o meu desenho era mais de escultor. Era um

desenho mais linear, à base da linha recta derivando para o plano. Quando eu tinha de fazer a cópia de um gesso, o que me interessava registar não era o percurso da linha, mas os planos. Eu acho que o desenho do pintor não é tão rígido, apesar disso.

A.T. – *Já agora, gostaria de lhe formular uma outra questão: fazia desenhos preparatórios antes de realizar um trabalho em escultura? Ou passava a ideia directamente para o barro?*

M.B. – Algumas vezes sim, outras não. Por exemplo, no caso de uma escultura com um tema, eu fazia um pequeno apontamento. Mas era raro. Por vezes, quando eu estava a ouvir uma conferência ou uma pessoa a falar, tinha o hábito de fazer desenhos, muitos apontamentos. Claro, às vezes um deles servia-me para fazer uma escultura, mas não era propriamente para fazer uma determinada escultura. Só para as peças maiores é que eu fazia desenhos. Agora as figurinhas, fazia-as directamente no barro – são figuras espontâneas. Eu pensava no que queria fazer e fazia. Claro que não é de um momento para o outro que as ideias surgem, estas coisas estão a germinar e um certo dia “saltam” cá para fora.

A.T. – *E permita-me que seja eu agora a saltar de etapa, nesta nossa conversa... Eu gostaria de saber o que a levou, nos anos 40, a fazer parte do MUD, Movimento de Unidade Democrática, e da Associação Feminina Portuguesa para a Paz?*

M.B. – São coisas que acontecem. A pessoa está a ver o ambiente, um ambiente de repressão, e tem que tomar uma posição. Naquele tempo era assim – ou éramos da direita ou éramos da esquerda. Depois era-se levada pelos movimentos. Claro, era jovem...

A.T. – *Mas essa tomada de posição acarretou-lhe certas represálias enquanto docente. Foi afectada também como artista plástica?*

M.B. – Bom, não sei se foi por represálias... mas como escultora, eu recebi poucas encomendas. Mas isto de receber encomendas, também depende muito do temperamento de cada um: temos de procurar as pessoas, de estar no meio, de falar com elas... E depois, geralmente a encomenda vinha acompanhada de um tema que

nos era dado e eu nunca gostei dessa imposição, a não ser que o tema me agradasse, claro.

Ainda fiz dois trabalhos para o Estado, com a colaboração do meu marido, mas através de Concurso Público. Ganhámos os 1^{os} Prémios da Estátua a Honório Barreto, para a Guiné-Bissau, e da Estátua a Artur Paiva, para Angola. O prémio era a execução do trabalho.

Acontece que os concursos promovidos pelo Estado eram geralmente anónimos. O júri não sabia a quem atribuía o prémio – o nome do autor da obra ia fechado num envelope lacrado que era entregue junto com a maquete da obra a concurso e só era aberto depois da atribuição dos prémios. A maquete e o envelope tinham uma marca idêntica, para se corresponderem. Eu penso que, por isso, é que ganhámos...

Digamos que estávamos a atravessar um momento crítico na vida da nossa sociedade. Tínhamos de tomar uma posição. Eu segui a contra-corrente, a da esquerda. Se a minha opção tivesse sido contrária, talvez tivesse chegado aos “píncaros da Lua”, mas isso teria sido por interesse e o interesse não devia estar nas mãos dos artistas. Eu sou o que sou. Vivo porque sinto a vida e portanto faço arte em relação ao que sinto e àquilo em que acredito. Mas devo confessar que nunca gostei de trabalhar por encomenda.

A.T. – *Por algum motivo particular?*

M.B. – Por uma questão de sensibilidade. A pessoa sem sensibilidade não é capaz de fazer nada, não é? Quando não se sente, não se faz. Talvez por isso eu nunca tenha gostado muito de encomendas. Eu aceitei ilustrar um desenho, sobre o 8 de Março, Dia da Mulher, porque o tema me interessou. Foi uma encomenda de graça, mas foi uma encomenda. Eu e um grupo de pessoas com a mesma ideologia política juntámo-nos para fazer um calendário para 1954, cujo título de capa era 12 Desenhos de 12 Artistas Portugueses, novo calendário para 1954. Os trabalhos assinalavam as datas comemorativas e a mim calhou-me o 8 de Março. Esse tema gostei de o reproduzir.

Recebi também uma encomenda da Câmara Municipal de Lisboa, um baixo-relevo – a Dança. Essa também me deu imenso prazer fazê-la. A pessoa tem de sentir aquilo que vai

transmitir, não é? O que se sente é o que se passa para fora.

A.T. – *O que é muito interessante, no cômputo geral na sua obra é, por um lado, essa ligação ao tema da mulher e, por outro lado, uma atenção ao lado político que está sempre presente. Essa dualidade surgiu-lhe com a resistência anti-salazarista? Por determinadas circunstâncias, como é que foi?*

MB – Bom, essa dualidade surge por duas razões. A primeira, por ser mulher e acho que em primeiro lugar estamos nós, não é? Eu fiz variações do tema, como a maternidade, porque gosto muito de crianças. Note, eu não tenho pena de não ter filhos. No entanto, eu tive sempre muita paciência com os meus sobrinhos e com os meus alunos. E no fundo, o que é a mulher senão uma súplica disso tudo?

A segunda, porque quis chamar a atenção para o facto de a mulher ter sido quase sempre posta de lado, até no campo artístico. Mesmo hoje, apesar de tudo, apesar de as coisas estarem diferentes do meu tempo de jovem, a mulher continua a estar muito sobrecarregada: com o emprego, a casa, os filhos... Até compreendo porque é que, hoje em dia, certas mulheres não se metem na política. E a razão é essa – a sua vida privada. Ouve-se essa a crítica, mas como pode a mulher querer saber, meter-se em política, se continua com uma vida tão atarefada? Mas, apesar de tudo, eu nunca me senti prejudicada por ser mulher, mas sim por ser política.

A.T. – *De qualquer maneira, a mulher não é o único tema a ser tratado na sua obra, encontramos outras preferências, nomeadamente o tema do casal...*

M.B. – Pois, mas no fundo são variações do mesmo tema. Eu gostava muito de fazer casais enamorados porque acho que os jovens devem andar de parceria. E, por outro lado, acredito que o amor é a base de tudo – o amor universal.

A.T. – *Então o que lhe interessava era abordar por diferentes perspectiva o mesmo tema. Daí que trabalhe por séries?*

M.B. – Sim, dava-me prazer pegar num tema e fazer variações.

A.T. – *Tendo analisado as esculturas que realizou sobre as mulheres da Nazaré, ocorre-me perguntar-lhe se*

A.T. – *Mas teve, com certeza, um sentimento de admiração perante as obras escultóricas que viu?*

M.B. – Eu admirei muito as obras que vi mas, para mim, não eram desconhecidas. Porque aqui, tínhamos contacto com muitos livros. Eu e outros colegas da Escola íamos à Livraria Portugal, na rua do Carmo e havia um moço que estava à testa dos livros de Arte e deixava-nos folheá-los. Víamos lá muita coisa. A nossa Escola não tinha Biblioteca...

Por exemplo, as obras que vi de Bourdelle agradaram-me muito. Achei as obras de Rodin, mais espectaculares. Mas foi sobretudo a escultura de Balzac que mais me surpreendeu pela sua modernidade. Eram artistas que fugiam já do esquema clássico e aquilo fez-me pensar.

Mais tarde visitei a Itália, com meu marido. Mas Florença e Roma foram as cidades que mais me tocaram.

No fundo, foi ver aquilo que eu já conhecia em livros, mas claro que é completamente diferente ver no livro e ver a obra.

A.T. – *Concordo que seja completamente diferente e isso leva-me a perguntar-lhe se estes escultores, através da sua obra, a influenciaram no modo de entender a escultura.*

M.B. – Eu diria que todos nós somos influenciados por este ou por aquele, ao longo da nossa carreira.

A.T. – *Casou com um escultor e partilhou largos anos o mesmo espaço de trabalho em ateliers. Quer falar-me dessa experiência?*

M.B. – Nós tínhamos muitas coisas em comum, trabalhávamos muito e havia peças, grandes trabalhos, que exigiam a inter-ajuda. O meu marido era um trabalhador inato. Era incapaz de estar sossegado e era muito metódico. Impunha-se regras e uma grande disciplina para que todos os trabalhos começados fossem acabados.

Eu não tinha só o atelier, tinha também que dar aulas e por isso tinha os meus próprios métodos. Mas acabei por me adaptar a essa disciplina de trabalho que se tornou na disciplina do atelier.

Creio que aprendemos muito um com o outro. Tanto que muita gente encontra parecenças nos nossos trabalhos. São completamente diferentes mas concordo que, por vezes, se sente a influência mútua. De facto, a nossa vivência era tão boa que

é natural que se reflecta no nosso trabalho. Claro que a ausência de filhos contribuiu para uma maior cumplicidade, tolerância, amizade, companheirismo...

A.T. – *Dado que a sua obra é marcada por peças de pequeno formato, desejava saber se essa modalidade está, de algum modo, relacionada com as “regras” e “disciplina” no atelier, ou se, pelo contrário, elas correspondem a um gosto pessoal?*

M.B. – Sim, correspondem a um gosto pessoal. Optei por fazer peças pequenas porque era uma coisa que eu podia fazer sozinha, sem ter que incomodar ninguém. O meu marido não tinha que interromper o seu trabalho para me ajudar, como era o caso das peças grandes para passar a gesso ou a cimento. Eu gostava de começar e acabar o meu trabalho sozinha. Mesmo toda essa preparação do barro para ser cozido aprendi à minha custa. Eu acabei por criar uma maneira de brocar o trabalho, de o compor, de ficar tudo pronto para ser levado para as boas cerâmicas do Desterro e da Viúva Lamego, que nunca quebravam nenhuma peça.

A.T. – *E agora, uma pergunta que me parece oportuna: que mensagem gostaria de deixar aos jovens escultores?*

M.B. – Trabalhar! O trabalho é a mola real de tudo! Sem trabalho não se pode fazer nada. Falar, dizer coisas bonitas, não! Como diria Rodin, trabalhar, trabalhar, trabalhar. É aí que reside a base e não olhar, ir buscar uma pedrinha e pô-la sobre outra, como se vê agora! É pensar e trabalhar. Levar “a Escultura como ofício”.

Ver o que os outros fizeram é muito importante também. Os jovens devem olhar para a tradição, para o trabalho daqueles que se considera os “bota-de-elástico”, porque eles têm também qualquer coisa a dizer. Devem estudar todas essas correntes e ver como se trabalhava! Depois seguirem o seu caminho. Trabalhar, fazer experiências, fazer muitas coisas erradas. Só depois se pode trabalhar aquilo de que se gosta e que se pode fazer.

Eu aconselhava-os que lessem o Testamento de Rodin.

A.T. – *Para terminar a nossa conversa – só uma curiosidade minha: Como vive actualmente Maria*

Barreira? É uma escultora, é uma mulher comum? Como descreveria o seu quotidiano?

M.B. – Actualmente vivo na minha casa rodeada das minhas coisas: dos meus livros, das minhas peças de escultura... Eu já estou tão afeita a elas que, para mim, é como se sempre viveram comigo. E se alguma é deslocada do seu lugar eu tenho que a colocar direita no sítio certo e na posição correcta. É o meu Museu...

Eu não vivo de recordações. Vivo o presente, não estou a pensar no passado! Eu vivo o momento actual. Contento-me com o que sou e com aquilo que tenho. Vivo muito mais no presente e no futuro, muito embora já não tenha muito futuro...

Também não sinto solidão. E mesmo quando estou sozinha, eu nunca me sinto só. Vivo o meu dia-a-dia: convivo, saio e gosto de almoçar fora. Gosto muito de passear, de ver o mar. Eu gosto do mar, muito mais do que do campo. Para mim o mar é muito interessante porque de momento a momento há uma transformação, ao passo que o

campo é muito parado: todos os dias, de manhã à tarde e à noite, o campo é sempre a mesma coisa.

Eu hoje já não faço trabalhos de atelier. Passo o meu tempo a ler e a fazer desenhos abstractos e a cor. Curiosamente, sabe que eu agora faço também muitos desenhos abstractos? Como eu não posso já fazer coisas em escultura, faço desenhos – é espontâneo – sai ao sabor da imaginação.

Mas gosto muito de ler – ler é o meu passatempo preferido. Agora até estou a ler, ou antes, a reler, um livro de Vitorino Nemésio, *Mau Tempo no Canal*. Há dias, num programa da televisão, ouvi falar do escritor e da obra e como já não me lembrava de certas passagens, resolvi retirá-lo da estante...

Eu diria que, actualmente, sou uma mulher comum. Fui escultora, fui docente, considerando-me sempre uma mulher comum.

A.T. – Afigura-se muito positiva essa sua atitude perante a vida. Mas não só para ler como também para desenhar... Pelo menos no meu caso, sinto que são duas



Maria Barreira, I Exposição Geral de Artes Plásticas, 1946

ocupações que exigem um certo tipo de espaço e de visibilidade...

Também tem um espaço próprio para ler? E para desenhar?

M.B. – Sim, naturalmente. Eu gosto da minha casa porque é uma casa cheia de luz. Não gosto de casas escuras nem de espaços fechados. Eu tenho por hábito ler no meu quarto porque tenho condições perfeitas para a leitura: Silêncio e Luz. Normalmente leio junto de uma janela toda em vidro, sentada numa cadeira de braços, muito cómoda, onde descanso enquanto leio. E depois, como a luz vem do meu lado direito, facilita-me a visibilidade.

Eu desenho numa saleta ao lado do meu quarto com as mesmas condições. É também um espaço próprio, onde tenho um estirador e todo o material que preciso para trabalhar.

A.T. – Já agora, só um parêntesis – Gosta de ouvir música no seu quotidiano?

M.B. – Não. Não sinto necessidade. Eu gosto de ouvir música quando vou a um concerto, ou ouvir um concerto pela televisão, isso gosto! Agora para ouvir música o dia todo, não gosto! Até porque me abstraio e só ouço é barulho. Depois, esta música moderna é um bocado confusa, é um bocado barulhenta demais para mim e quando me abstraio, no fundo, o que ouço, não passa de um som... Eu gosto de estar em silêncio porque me dá espaço para pensar naquilo que estou a fazer.



Maria Barreira,
Maternidade, 1948